



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA-FUP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEDOC

Cinthia Maria De Araújo Ramos

**AUDIOVISUAL E MEMÓRIAS: UMA JORNADA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES DE
MULHERES RURAIS**

Planaltina - DF

Dezembro 2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA-FUP

Cinthia Maria De Araújo Ramos

**AUDIOVISUAL E MEMÓRIAS: UMA JORNADA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES DE
MULHERES RURAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília-UnB Planaltina, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva

Planaltina - DF

Dezembro 2024

CIP - Catalogação na Publicação

AR175a Araújo Ramos , Cíntia Maria .
AUDIOVISUAL E MEMÓRIAS: UMA JORNADA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES
DE MULHERES RURAIS / Cíntia Maria Araújo Ramos ;
orientador Regina Coelly Saraiva . -- Brasília, 2024.
51 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Educação do
Campo) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Vídeo popular. 2. Educação do Campo. 3. Memórias. 4.
Machismo estrutural. 5. Audiovisual. I. Saraiva , Regina
Coelly , orient. II. Título.

Dedico este trabalho a Deus, que me permitiu chegar aqui, e às mulheres guerreiras da minha família, são elas o meu alicerce, o meu maior exemplo de vida e a inspiração da minha monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as oportunidades que me concedeu, por abrir os meus caminhos e me glorificar com o dom do aprendizado, da escrita e da oratória. Deus é essencial na minha vida e no meu destino. Obrigada Jesus!

Agradeço à minha mãe, Bruna de Araújo Ramos, por ser tão presente na minha vida e me ensinar a amar verdadeiramente e de maneira genuína. Seguir os passos da minha mãe me levaram a este momento tão esperado, minha defesa. Te amo, minha mãe!

Agradeço à minha bisavó, Antônia Felix Araújo, por ser meu exemplo de determinação e coragem.

Agradeço à minha avó, Maria Gecilene de Araújo Ramos, por me ensinar a ser forte e lidar com os obstáculos da vida.

Agradeço às minhas tias, Tatiana de Araújo Ramos e Géssica de Araújo Ramos, por toda cumplicidade.

Agradeço ao meu pai, Wilton Ramos Pereira, por todo incentivo e auxílio paternal.

Agradeço aos meus irmãos, Isabela e Mateus, por serem a minha felicidade diária.

Agradeço aos meus amigos, Charles; Francisco; Júlia e Karina, por serem meu suporte e calma.

Agradeço aos meus amigos, Antônio; Camila; Dolores; Fernanda; Nathalya e Tamires, por dividirem comigo as dificuldades da graduação.

Agradeço à minha orientadora, Regina Coelly, por todo auxílio e paciência.

Por fim, agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida.

Eu quero uma Escola do Campo.

Que tem a ver com a vida, com a gente.

Querida e organizada e conduzida coletivamente.

Eu quero uma Escola do Campo.

Que não enxergue apenas equações

Que tenha como chave mestra: o trabalho e os mutirões.

Eu quero uma Escola do Campo.

Que não tenha cercas, que não tenha muros.

Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro.

Onde iremos aprender a sermos construtores do futuro.

Eu quero uma Escola do Campo.

Onde o saber não seja limitado.

Que a gente possa ver o todo e possa compreender os lados.

Eu quero uma Escola do Campo.

Onde esteja o ciclo da nossa semente.

Que seja como a nossa casa, que não seja como a casa alheia.

RESUMO

Esta monografia investiga como o audiovisual pode preservar e compartilhar as memórias de mulheres que residem no campo, explorando suas vivências e a luta contra o machismo estrutural ao longo de gerações. A pesquisa foca nas memórias de três gerações de mulheres da zona rural, Rajadinha II, no Distrito Federal, e analisa como o patriarcado e o machismo afetam suas vivências e como se fazem presentes em suas memórias. O uso do vídeo popular é proposto como uma ferramenta acessível e poderosa para registrar essas histórias, dando visibilidade a essas mulheres e suas lutas. Além disso, também é destacada a importância da educação do campo contextualizada, com o currículo adaptado às realidades rurais, e a Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) como um modelo eficaz para a formação de docentes comprometidos com a transformação social. A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas e análise qualitativa para entender a relevância dessas memórias e para promover uma educação mais inclusiva e crítica. Na pesquisa realizada com as mulheres, é possível observar a herança do machismo e do patriarcado ao longo das gerações e as divergentes maneiras de lidar com essa situação social. Nas entrevistas, fica nítido a evolução educacional, a evolução do empoderamento e a ansia de modificar as próximas gerações, para que estas não sofram tanto quanto as gerações anteriores. Por fim, também é possível perceber como as educadoras valorizam a educação contextualizada nas escolas do campo e como valorizam as suas vivências rurais.

Palavras-chave: Vídeo popular. Educação do Campo. Memórias. Machismo estrutural

ABSTRACT

This monograph investigates how audiovisual media can preserve and share the memories of women living in rural areas, exploring their experiences and their struggle against structural machismo across generations. The research focuses on the memories of three generations of women from the rural community of Rajadinha II, in the Federal District, analyzing how patriarchy and machismo impact their lives and are present in their collective memories. Popular video is proposed as an accessible and powerful tool to document these stories, giving visibility to these women and their struggles. Additionally, the importance of contextualized rural education is highlighted, with a curriculum adapted to rural realities, and the Licentiate Degree in Rural Education (LEdoC) is presented as an effective model for training teachers committed to social transformation. The research employed semi-structured interviews and qualitative analysis to understand the significance of these memories and to promote a more inclusive and critical education. The study reveals the inheritance of machismo and patriarchy across generations and the different ways women have addressed this social issue. The interviews clearly show the evolution of education, the growth of empowerment, and the desire to change future generations so they may not endure the hardships faced by previous ones. Finally, it also becomes evident how educators value contextualized education in rural schools and appreciate their rural experiences.

Keywords: Popular video. Rural education. Memories. Structural machismo

SUMÁRIO

1. MEMORIAL.....	9
2. INTRODUÇÃO.....	13
2.1 Justificativa.....	16
2.2 Problematização.....	17
2.3 Objetivo geral.....	17
2.4 Objetivo específico.....	18
3. METODOLOGIA.....	18
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
4.1 Audiovisual e Vídeo Popular.....	22
4.2 Escolas e educação do campo.....	27
4.3 Memória.....	30
4.4 Gênero, Machismo estrutural e patriarcado.....	31
5. PRODUÇÃO, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
7. REFERÊNCIAS.....	41

1. MEMORIAL

O propósito deste memorial é relatar todo o percurso individual, familiar e acadêmico que percorri até o atual momento, além disso, ressaltar, também, como todas as vivências e a realidade em que estive inserida foram fundamentais para as ideologias que possuo atualmente. Sendo assim, com essa análise, será inevitável a identificação de que toda a minha trajetória corroborou para o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Sou estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo e tenho como principal objetivo lecionar nas escolas do Distrito Federal, onde resido. O meu curso, LEdoC, carrega consigo a premissa de uma educação libertadora, democrática, inclusiva, camponesa, política e social, diante disso, é inerente ao estudante problematizar a estrutura da sociedade e compreender o âmbito em que sempre esteve inserido, para assim, tentar mudar a realidade das futuras gerações.

...Afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo... No plano da práxis pedagógica, a Educação do Campo projeta futuro quando recupera o vínculo essencial entre formação humana e produção material da existência... (CALDART, 2012, P 261 e 265)

Sendo assim, o contexto do meu TCC surge da convergência das minhas vivências sociais e rurais e do curso que escolhi para minha formação acadêmica e, coincidentemente, ambos se complementam e se traduzem. Entretanto, para que essas semelhanças sejam reconhecidas, irei relatar, com detalhes, o percurso da minha vida até o presente momento.

A minha infância e educação primária foram essenciais para que me tornasse a mulher que sou hoje, já que, todas as descobertas, todas as experiências vividas e todo afeto recebido vão se eternizar na vida do indivíduo. Hoje sou uma mulher forte, decidida e que, na maioria das vezes, não consegue demonstrar fraqueza e tem dificuldades de transparecer sentimentos e afeto, essas são atitudes decorrentes da primeira infância.

Minha mãe me concebeu muito jovem, tinha apenas dezessete anos, por isso, residimos com meus avós a maior parte da minha vida. Meu avô nunca esteve presente na vida das filhas e com a neta não seria diferente. Fui criada pela minha mãe e avó materna, já que, desde muito pequena meus pais estavam separados, por isso, não tive tanta convivência

com a minha família paterna. Apesar de ter sido um pai presente e que sempre ajudou financeiramente, da forma que podia, sempre senti um desfalque afetivo com meu pai, fui frustrada muitas vezes na minha primeira infância com expectativas que não foram atendidas e, a partir de então, me blindei emocionalmente para não sofrer mais. Apesar disso, sempre fui acolhida e tive minhas emoções respeitadas pelas mulheres que me criaram.

A minha adolescência foi, na minha concepção, o período mais desafiador e difícil para mim. Na infância estava acostumada com uma família que zelava pelo meu bem-estar emocional o máximo possível e foi muito doloroso perceber que, quando mais precisei, esse zelo não aconteceu de imediato.

A aceitação da sexualidade que foge da heteronormatividade social é deveras dificultosa, por si só. Entretanto, agregar a este fato o preconceito familiar a torna mil vezes pior e foi isso que experienciei. Desde muito nova já conhecia meus sentimentos, mas não entendia e os negava com todas as minhas forças. Muitas vezes me deparava orando pra Deus e proferindo as seguintes palavras: “por favor, meu Deus, me faça gostar de homem, eu quero ser normal”. É doloroso lembrar. Antes de me assumir para minha família, tive muita pressão da minha mãe, já que, obviamente ela sabia e, como eu, também não queria aceitar. Eu estava no meu processo de aceitação individual e recebia muita pressão externa, foi o pior momento da minha vida, eu estava perdida e não me reconhecia mais, tive muitas crises de identidade. Com apoio de amigos e depois de me reconhecer como uma mulher lésbica, me assumi. Foi libertador! No início foi complicado, minha mãe relutou e tentou me privar, mas eu já sabia quem era, não mudaria e, muito menos, fingiria novamente. Estava livre. Depois de um tempo minha mãe processou e todo o apoio que eu esperava, aquele que recebia na infância, veio e nunca fui tão feliz em toda minha vida. Lembrar da minha mãe declarando o orgulho que sentia de mim e como me amava me emociona até hoje. Com minha família paterna já não tinha expectativas, por isso, o que aconteceu não me surpreendeu e não me afetou.

Minha bisavó, Antonia Felix, veio do Ceará para Brasília no ano de 1980, veio com seus dois filhos, Deijaci e Maria Gecilene, em busca de uma vida melhor. Quando chegaram, se instalaram no Paranoá Velho (onde hoje é conhecido como Parque Ecológico Do Paranoá), um acampamento formado por nordestinos que saíram de suas cidades para ajudar na construção de Brasília, os moradores deste acampamento, em específico, ajudaram na construção da barragem do Lago Paranoá, e não quiseram retornar ao estado de origem depois

das obras prontas. Depois de nove anos de luta e resistência, no ano de 1989, os moradores do acampamento puderam escolher a localidade de seus lotes no Paranoá e todos subiram e desenvolveram, aos poucos, suas residências e a cidade. Desde então, toda a vida da minha família foi estruturada e, em meio às dificuldades de locomoção, dificuldade financeira, preconceito regional, racial e de gênero, lutas e resistências, essas mulheres se tornaram exemplo para todas as gerações descendentes.

Eu nasci e me criei no Paranoá, por isso, antes dos meus avós se mudarem para a zona rural, eu não tinha tido nenhum contato com o campo. No ano de 2014 meus avós foram residir no Capão Seco, localizado no PAD-DF, zona rural do Paranoá. Aquela realidade não condizia com o que vivera toda a minha vida, tentei me adaptar e estudar na escola do campo PAD-DF, mas não consegui me encontrar no âmbito rural, por isso, continuei residindo na zona urbana com minha mãe e visitava, raramente, meus avós. No ano de 2017, meus avós se mudaram para o Café Sem Troco e estavam residindo em uma chácara como caseiros, neste ano fui morar com eles novamente. Estava no segundo ano do Ensino Médio, por isso, continuei estudando na cidade, mesmo assim, foi naquela chácara que me conectei e conheci o campo na sua melhor versão. Tínhamos contato com gado, cavalo e com galinhas, tínhamos árvores frutíferas e hortas, foi a calma e o cantar dos pássaros que despertou, em toda a minha família, o desejo de estar no campo e de se viver de tal forma. No ano de 2019 nos mudamos para a Rajadinha, zona rural do Paranoá, para o nosso atual e eterno lar.

É difícil se entender como camponesa, já que, a maior parte da minha vida não tive contato com o campo, mas a história da minha família é de luta, força e resistência, tudo aquilo que as lutas camponesas expressam cotidianamente. A Educação do Campo consegue traduzir tudo o que minha família viveu e como as lutas são importantes para conquistas e direitos que não se tinham e, nem sequer, se ouviam. A LEdoC é essencial para a consciência de toda a sociedade, para que se compreenda quem é e porque é.

Venho de uma família de profissionais da educação, minha avó é secretária, minha mãe e minha tia são pedagogas, todas da Secretaria de Estado de Educação do DF (SEEDF). É inevitável crescer em tal realidade e não desenvolver o sonho de atuar na mesma área, por isso, desde pequena tenho o desejo de me formar em licenciatura. Como residimos a maior parte da nossa vida na área urbana, todas atuavam nas escolas da cidade em que residíamos, Paranoá- DF. No ano de 2013, minha tia e minha mãe foram lecionar na escola do campo, EC Capão Seco, a partir daí sempre lecionaram em escolas rurais. A rotina convencional tinha se

encerrado e, como não haviam recebido nenhum direcionamento da faculdade para a compreensão da realidade dos estudantes da zona rural, elas tiveram que se adaptar e aprender na prática o necessário para a nova metodologia que atendesse aqueles estudantes. Em relato, elas mencionaram que as crianças são mais tranquilas, devido ao espaço que elas têm para brincar, a interação com a natureza e o entendimento que detém sobre o meio ambiente, por isso, o rendimento escolar é melhor. Além disso, as maiores dificuldades que enfrentaram, com as divergências da cidade para o campo, foram entender as distâncias percorridas pelas crianças até chegar na escola, relacionar os conhecimentos pedagógicos às vivências das crianças e a adaptação de alguns métodos didáticos. Portanto, é inevitável concluir que o professor precisa ser sensível em cada realidade que é inserido, observando as necessidades individuais das crianças e da escola. Compreender tudo isso me permitiu seguir para que, um dia, pudesse me inserir na mesma realidade das mulheres educadoras que me criaram.

Depois que me formei no ensino médio consegui realizar o meu sonho, ingressar na Universidade de Brasília, me formar em licenciatura, ser docente e seguir os passos do meu maior exemplo, minha mãe. Não poderia existir curso mais perfeito e que traduzisse de todas as formas minha vida e minhas vivências. A LEdoC me transforma todos os dias, me proporciona aprendizados práticos do que conhecia apenas na teoria abstrata. Compreender místicas, coletividade, trabalho como princípio educativo, lutas de movimentos sociais, sentimento de pertencimento, inclusão, direito à educação de qualidade, culturas camponesas e quilombolas, enfim, a Licenciatura em Educação do Campo esbanja riqueza e pluralidade em sua essência. Tenho orgulho de me formar, em um futuro próximo, uma educadora do campo.

É inevitável observar como em toda a minha vida as melhores referências que tive são femininas e, mesmo admirando tanto esforço, é inviável não observar todas as opressões, agressões físicas e verbais, todas as sobrecargas e todas as renúncias que elas sofreram. Ouvir e registrar vozes e permitir que essas mulheres educadoras do campo se expressem, é o principal objetivo deste projeto.

Todas as boas memórias afetivas que tenho são com as mulheres da minha família, aquelas que deram a vida por mim, que me criaram, que me ensinaram a sempre estar no controle e nunca esperar iniciativa de terceiros, me ensinaram a respeitar e nunca ludibriar ninguém para conquistar meus objetivos, me mostraram que, com dignidade e honestidade, somos merecedores de tudo que lutamos para conseguir. As minhas memórias afetivas são

com as mulheres que mais amo nesse mundo e que sempre foram meu espelho e minha maior influência, essas mulheres são a inspiração do meu TCC, minha família.

2. INTRODUÇÃO

É inevitável normalizar a estruturação social, já que, sempre estivemos inseridos em tal contexto. Entretanto, com o entendimento de uma péssima construção e funcionamento da sociedade para alguns indivíduos, se originaram as críticas sociais, ou seja, a compreensão das evidências de desigualdades e debates para propor melhorias na coexistência da sociedade em sua totalidade. Diante disso, entender situações do meio em que se está inserido se dá por um longo processo de aprendizado social e individual. Foi a partir do amadurecimento do meu conhecimento crítico social que deixei de normalizar a situação em que nasci e fui criada e, assim, comecei a entender como a mulher enfrenta sobrecargas cruéis por conta do patriarcado e do machismo estrutural.

O sistema patriarcal, segundo CUNHA (2014 apud CASTRO, SANTOS, 2018), é um regime de dominação em que o homem, patriarca ou mantedor ocupa a posição central da família, desse modo, os outros integrantes são seus subordinados. O patriarca de uma família é a autoridade máxima.

O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p.154 apud CASTRO, SANTOS, 2018, p. 5).

O machismo se expressa na desigualdade entre homens e mulheres e em todos os âmbitos, desigualdade salarial, desigualdade de direito à vida, que pode se manifestar pela violência, estupro, objetificação do corpo feminino, enfim. O machismo estrutural é uma cultura característica da sociedade que adere à ideologia da superioridade do homem em relação à mulher e acolhe a distinção de tarefas baseada no gênero.

A pesquisa poderá contribuir na compreensão da perpetuação do machismo de geração para geração, na desvalorização do trabalho e sacrifício feminino, e nas sobrecargas sociais que as mulheres enfrentam constantemente, independente de qual geração as mesmas se encontrem. Além disso, a pesquisa também mencionará gerações de mulheres, que residem na zona rural do Paranoá- DF, Rajadinha II, que se perpetuaram em um ciclo de iniciativa e

decisões familiares, que são necessárias, a maioria das vezes, mas as impede de serem plenamente felizes na sua individualidade, já que, a sobrecarga se encontra em todos os afazeres destas mulheres. Além, é claro, de também impedir que elas sintam acolhimento e reconhecimento, seja familiar ou social.

O intuito desta pesquisa foi registrar memórias de mulheres que foram invisibilizadas pela sociedade e que, além disso, tiveram todas as suas dificuldades normalizadas. Disponibilizar espaço de fala, para que, assim, possam transmitir todo o seu legado, todas as semelhanças e diferenças geracionais e o que mais fizer parte de suas jornadas.

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de história de famílias, das crônicas que registram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa... Memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (DELGADO, 2003, P 19)

É evidente que o empoderamento feminino surge por conta do machismo estrutural e do patriarcado, desse modo, quero retratar, na minha pesquisa, como a sabedoria, a força e a luta da minha bisavó moldaram toda a história dela e de todas as gerações seguintes. Para a pesquisa, irei me basear em 3 (três) gerações: minha bisavó, minha avó, minha mãe e minha tia (que são da mesma geração). Quatro mulheres com conhecimentos distintos, se levarmos em consideração a época em que estiveram inseridas, mas com marcas semelhantes ocasionadas pelo machismo. Quatro mulheres matriarcas e principais alicerces das suas famílias. Gerações que se perpetuaram com a força feminina graças a primeira matriarca e feminista da minha família, Antônia Felix Araújo, minha bisavó.

A pesquisa aborda as memórias da opressão e violência que a matriarca sofreu em sua cidade natal, Fazenda Cacimba Nova, e compreende os desafios ocasionados pela desigualdade de gênero na realidade rural. Além disso, compreender também, as manifestações divergentes do machismo em outras gerações e nas vivências urbanas.

É importante mencionar, também, que a pesquisa traz mulheres educadoras do campo e a sua importância para a transformação social e promoção da igualdade de gênero nas realidades do campo, já que, o âmbito escolar é essencial para que os jovens obtenham ideologias críticas ao funcionamento da sociedade. Desse modo, é inevitável mencionar a educação do campo contextualizada, ou seja, uma educação que mantenha o currículo de acordo com a realidade dos estudantes camponeses, e que valorize a história do campo e as

lutas femininas contra o machismo e patriarcado, valorizando, assim, o empoderamento feminino no campo. A Licenciatura em Educação do Campo é exemplo deste modelo curricular e mencioná-la na pesquisa é fundamental, já que é um curso recente e pouco conhecido, mas carrega consigo premissas essenciais para a formação de docentes qualificados para adaptação e atuação em diversas realidades.

A pesquisa traz, também, a importância das memórias e como transpassar vivências de geração para geração é essencial para que as lutas se mantenham sempre vivas. Por isso, perpetuei essas memórias com o vídeo popular, já que, ele tem a capacidade de eternizar e compartilhar sentimentos da forma mais didática e colaborativa possível, fazendo, assim, com que o telespectador sinta e reviva os sentimentos que são escancarados com relatos de vida, por isso, irei detalhar todas as etapas caminhadas para a produção inicial de um documentário das memórias da minha família.

É importante ressaltar que, nesta pesquisa, abordei o vídeo popular, que tem como finalidade, permitir que mulheres professoras, que a pouco tempo migraram para a escola do campo CED Várzeas, zona rural de Planaltina- DF, compartilhem suas memórias e perpetuem suas vivências e desafios na sociedade.

O vídeo popular tem como base produções acessíveis realizadas por e para comunidades populares, ou seja, comunidades que entendem seu território e sua identidade, sendo assim, as produções irão promover as lutas políticas, sociais e culturais das comunidades em questão. Desse modo, é produzido de forma autônoma, amadora e prioriza o conteúdo que detém e a conexão com o público que se deseja evidenciar. Portanto, a produção inicial do documentário é simples e com enfoque nos relatos das mulheres de diferentes gerações, o principal objetivo é que partilhem sua história de vida, seus desafios e obstáculos, suas conquistas e lutas vencidas até o atual momento. Além disso, também mencionaram o papel da sociedade ao longo de suas vidas, e de que modo, hoje, como mulheres educadoras do campo, podem auxiliar futuras gerações nos problemas sociais que venham a ter em comum.

...Podemos perceber que para enfrentar o esquecimento em relação às memórias, nos tornamos uma sociedade obcecada por registros... Isso ocorre uma vez que a modernidade busca construir uma identidade coletiva através dos rastros do passado. (BASTOS, 2020, P 11)

Por fim, a pesquisa também tem relação com a educação e escola do campo, já que, relacionar vivências com teorias é a premissa da Licenciatura em Educação do Campo. É essencial que a escola acolha as memórias dos estudantes e destaquem a importância da expressão oral e cultural para o aprendizado efetivo dos discentes. Compreender o meio em que se vive e entender os meios de modificação da sociedade em que se está inserido é essencial e se dá por meio da partilha de memórias e da expressão das realidades individuais.

2.1. Justificativa

É evidente que o funcionamento da sociedade já se encontra enraizado e, muitas vezes, atitudes são mascaradas e amenizadas para se inserir na normalidade. Entretanto, reconhecer as discrepâncias sociais é fundamental para repudiar condutas dissimuladas que partem do coletivo social.

A pesquisa mostra como as memórias são importantes para reconhecer e compreender a sociedade em que se está inserido. Além disso, mostrará também, como a cultura machista se perpetua e se perpetua durante tantas gerações em todas as práticas sociais e afeta, de forma drástica, mulheres, em todos os aspectos.

A pesquisa menciona, também, a importância dos registros e do audiovisual para que memórias não se percam e transpassem todas as gerações possíveis. Segundo BASTOS (2020, p. 5) , o documentário é “arquivo da memória social, que ajuda a desvelar os traços identitários mais subjetivos da sociedade”, sendo assim, a memória e a oralidade se conectam, portanto, documentar narrações de vivências é essencial para esta pesquisa.

Por fim, a pesquisa traz relatos de educadoras do campo que lecionam em instituições urbanas e, recentemente, modificaram alguns métodos educacionais e didáticas para atender os discentes da zona rural. A pesquisa terá como base as memórias pessoais, sociais e profissionais das mulheres já mencionadas, por isso, é inevitável a relação com o sistema educacional urbano e rural do DF, já que, três delas integram a Secretaria de Educação do Distrito Federal, uma é secretária escolar e as outras duas são pedagogas.

Desse modo, na pesquisa, há menção da importância e necessidade de um currículo contextualizado nos âmbitos escolares, e como a Licenciatura em Educação do Campo se fez, na última década, referência na formação de docentes contextualizados e preparados para a adaptação em divergentes realidades educacionais. Além disso, também são importantes os

relatos de melhoras pessoais devido ao êxodo urbano e a integração camponesa na zona rural do Paranoá- DF.

Esta pesquisa é importante para que se compreenda a importância de permitir que mulheres invisibilizadas tenham a oportunidade de perpetuar suas memórias, para que, assim, auxiliem na evolução social e geracional do seu núcleo familiar ou, até mesmo, da sociedade. A pesquisa também menciona a relevância do currículo contextualizado nas instituições de ensino do campo. Além disso, também é importante destacar a acessibilidade do audiovisual e a elaboração de documentários com métodos dos vídeos populares, já que, tal ferramenta pode se fazer essencial na preservação de memórias, na disponibilidade de acesso, na partilha de experiências e sentimentos que, se não registrados, se perdem com o indivíduo que os detém. As memórias e o audiovisual se complementam e são essenciais para o amadurecimento e consolidação social, por isso, compreender que as oportunidades de expor e produzir devem ser igualitárias e sem segregação é essencial para a pesquisa, daí a importância de partilhar a produção de um vídeo popular.

O desejo de fazer esta pesquisa vem da necessidade de compreender as vivências e realidades de gerações passadas, para que, assim, se compreenda o lugar em que se está inserido atualmente e para que, de forma crítica, possamos identificar processos sociais que tiveram, ou não, progresso. Além disso, utilizo o vídeo popular para sistematizar as histórias de vida das gerações já mencionadas, assim sendo, o vídeo será exposto na sua forma popular, amadora, coletiva, sentimental e com vivências e memórias reais. O curso de Licenciatura em Educação do Campo me instruiu e me permitiu imersão completa nas ideologias e vivências da realidade camponesa fundamentada na luta, resistência, coletividade, empatia e muito aprendizado contextualizado, por isso, permitir que terceiros conheçam e compreendam a premissa do curso é, também, fundamental para a pesquisa.

2.2. Problema de pesquisa

Como o machismo estrutural afeta as mulheres ao longo das gerações, e de que forma o uso do audiovisual pode contribuir para preservar e disseminar suas memórias e vivências, promovendo uma educação do campo mais contextualizada e mais inclusiva no meio rural do DF?

2.3. Objetivo Geral

O projeto tem como objetivo geral investigar como o uso do audiovisual popular pode preservar e compartilhar as memórias e vivências das mulheres que residem no campo, destacando a importância dessas narrativas para compreender e combater o machismo estrutural, além de promover uma educação do campo mais contextualizada e inclusiva nas zonas rurais do Distrito Federal.

2.4. Objetivos Específicos

Investigar as memórias e vivências das mulheres educadoras do campo, destacando suas lutas e conquistas ao longo das gerações;

Analisar como o machismo estrutural e o patriarcado afetam as mulheres;

Explorar o vídeo popular e enfatizar sua acessibilidade e eficácia;

Examinar a importância de um currículo contextualizado na Educação do Campo, destacando a Licenciatura em Educação do Campo como referência na formação de docentes adaptados às realidades rurais.

3. METODOLOGIA

A base metodológica para esta pesquisa é qualitativa, por isso, é focada na coleta e análise de narrativas e memórias das mulheres educadoras e residentes do meio rural Rajadinha II, zona rural do Paranoá, cidade satélite de Brasília. As mulheres são de diferentes gerações, são elas: minha bisavó, minha avó, minha mãe e minha tia (que são da mesma geração). Com isso, é possível a compreensão das suas vivências e desafios.

Na pesquisa qualitativa os dados não são explícitos, por isso, a análise dos dados se dá pelas reflexões do pesquisador diante das entrevistas e diálogos com o entrevistado. Nesta investigação a quantidade é irrelevante, a finalidade da pesquisa é a qualidade dos dados construídos no percorrer da apuração.

[...] escolher um design de pesquisa qualitativa pressupõe uma certa visão de mundo, requer a definição como um investigador seleciona sua amostra, coleta e analisa dados e contempla assuntos como validade, confiança e ética. A pesquisa qualitativa não é linear, mas um processo de passo a passo, ou seja, um processo interativo que permite ao investigador produzir dados confiáveis e fidedignos. Assim, o processo de coleta e análise dos dados é recursivo e dinâmico, além de ser altamente intuitivo.

(TEIXEIRA, 2003, p. 191 apud OLIVEIRA; GUIMARÃES; FERREIRA, 2022, p. 216)

Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com as quatro mulheres participantes, minha bisavó, minha avó, minha mãe e minha tia, para que os dados de suas vivências pessoais, familiares, sociais e profissionais fossem coletados. A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro preestabelecido de perguntas abertas e isso permite que o entrevistado tenha independência nas respostas. Entretanto, mesmo com respostas livres, o entrevistador consegue os dados indispensáveis para a pesquisa. (DUARTE, 2006 apud OLIVEIRA, GUIMARÃES E FERREIRA, 2023)

O audiovisual partiu das entrevistas semiestruturadas, já que, o intuito do vídeo popular é registrar a entrevista e as memórias das mulheres já mencionadas. A produção e sistematização inicial das histórias de vida por meio do audiovisual, foi feita de maneira autônoma, amadora e com enfoque no conteúdo que irá conter.

Foi utilizada a análise de conteúdos para compreender a importância da educação contextualizada e análise de obras já escritas sobre a educação do campo e Licenciatura em Educação do Campo. Além disso, a análise também foi utilizada para examinar as narrativas coletadas e identificar padrões e divergências, relacionadas ao machismo, nas memórias e vivências das mulheres entrevistadas.

A análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin, oferece várias contribuições importantes para a pesquisa qualitativa em educação, incluindo uma análise sistemática e rigorosa dos dados, uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados, uma abordagem flexível e adaptável, a possibilidade de identificação de lacunas na literatura e a triangulação dos dados. (VALLE; FERREIRA, 2013, p. 2)

O estudo de caso foi desenvolvido para que, assim, fosse possível destacar as trajetórias das mulheres e identificar os impactos ocasionados pelo machismo estrutural em cada uma das gerações entrevistadas.

...Ele deverá ser sempre constituído a partir de um conjunto de observações que possam ser utilizadas como evidências e que poderá ter diferentes unidades de análise, mas que tem a capacidade de nos ajudar a explicar a sua classe de eventos... (SÁTYRO; D'ALBUQUERQUE, 2020, p. 13)

O método utilizado foi o estudo de caso juntamente com a pesquisa narrativa, desse modo, foi possível explorar as experiências e memórias das mulheres investigadas.

O procedimento da pesquisa aconteceu em quatro etapas.

Primeiramente, foram investigadas as memórias e vivências das mulheres educadoras do campo, destacando suas lutas e conquistas ao longo das gerações. Estes dados foram coletados por referências bibliográficas sobre o tema, ou seja, trabalhos que contenham informações sobre a compreensão da importância de pesquisar memórias e, além disso, dados também foram coletados por meio de entrevistas com as mulheres selecionadas e já mencionadas anteriormente. Na entrevista foram feitos questionamentos, com perguntas programadas anteriormente pela entrevistadora, para que, assim, elas consigam relatar suas memórias de vida de maneira livre e eficiente para a pesquisa.

Logo após, foram analisados dados de como o machismo estrutural e o patriarcado afetam as mulheres. Estes dados foram analisados com o auxílio de referências bibliográficas que contribuam para o tema, ou seja, materiais que contenham a teoria e o conceito do machismo estrutural e do patriarcado na sociedade e como este sistema afeta, radicalmente, mulheres de gerações diversas. Além disso, a entrevista com as mulheres também ajudará na compreensão do machismo estrutural e patriarcado nas vivências e realidades geracionais divergentes.

Posteriormente, a pesquisa explorou o vídeo popular e enfatizou sua acessibilidade e eficácia. A coleta destes dados se deu pela produção e sistematização inicial dos relatos das vivências e memórias das mulheres por meio do audiovisual, com enfoque no conteúdo que detêm. Foi feito um relato da produção por alguém autônomo, sem auxílio de terceiros, sem muitos recursos financeiros e sem equipamentos especializados.

Por fim, foi examinada a importância de um currículo contextualizado na Educação do Campo, destacando a Licenciatura em Educação do Campo como referência na formação de docentes adaptados às realidades rurais. Estes dados foram coletados com o auxílio de referências que auxiliem na compreensão do tema, ou seja, a compreensão de um currículo contextualizado e o método curricular que a LEdoC utiliza. Além disso, os relatos profissionais das mulheres entrevistadas também auxiliaram na análise da educação contextualizada com a realidade das vivências dos discentes.

Desse modo, resumidamente, os procedimentos da pesquisa foram:

1. Entrevistas semiestruturadas para que fossem destacadas memórias e vivências das mulheres;

2. Análise da perpetuação e modificações do machismo estrutural nas divergentes gerações entrevistadas;
3. Produção e sistematização inicial do documentário;
4. Examinar a importância do currículo contextualizado nas escolas do campo.

Abaixo serão descritos os objetivos específicos e os procedimentos utilizados para a realização da pesquisa.

Objetivo específico	Procedimento
<p>→ Investigar as memórias e vivências das mulheres educadoras do campo, destacando suas lutas e conquistas ao longo das gerações;</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estes dados foram coletados por meio de entrevistas; 2. Fiz questionamentos para que relatassem suas memórias de vida que relacionassem com o tema principal: alicerce familiar, opressão social, divergências de lecionar na educação urbana e rural; 3. Estes dados foram coletados por meio da leitura de referências bibliográficas sobre o tema, ou seja, compreender a importância de pesquisar memórias.
<p>→ Analisar como o machismo estrutural e o patriarcado afetam as mulheres;</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estes dados foram coletados por meio de entrevistas; 2. Fiz questionamentos para que relatassem experiências e vivências com o machismo e patriarcado; 3. Estes dados também foram coletados por meio da leitura de referências bibliográficas sobre o tema, ou seja, teoria e conceito de machismo estrutural e patriarcado na sociedade.
<p>→ Explorar o vídeo popular e enfatizar sua acessibilidade e eficácia;</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estes dados foram coletados por meio da produção de um documentário amador e de baixo custo. 2. Além disso, da descrição do passo a passo da produção nesta pesquisa.

<p>→ Examinar a importância de um currículo contextualizado na Educação do Campo, destacando a Licenciatura em Educação do Campo como referência na formação de docentes adaptados às realidades rurais.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estes dados foram coletados por meio da leitura de referências bibliográficas sobre o tema, ou seja, a compreensão da necessidade de um currículo contextualizado. 2. Além disso, foram analisados os relatos das professoras entrevistadas. 3. Por fim, foram analisadas referências bibliográficas de estudantes da LEdoC que já escreveram sobre o tema.
--	--

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Audiovisual e Vídeo Popular

Audiovisual é uma linguagem artística que pode ser usada como meio de comunicação. É importante mencionar que a história do audiovisual e do cinema estão conectadas, sendo assim, o audiovisual surge com a incorporação do som a imagem, já que, antes do audiovisual o cinema era apenas visual. De acordo com CASTRO; NUNES E JÚNIOR (2018), o cinema foi a arte visual mais consumida por décadas e a única representação do audiovisual no mundo, até a origem da televisão.

O cinema nacional traçou uma longa trajetória e muitas dificuldades por conta das instabilidades políticas e, conseqüentemente, culturais que marcaram a história do Brasil. Segundo COELHO (2009), na década de 1960 surgiu o movimento mais marcante do Brasil que, tinha como prioridade, retratar o contexto social, econômico e político do país, com referências estrangeiras e obras autorais, foi chamado “Cinema Novo”. COELHO (2009) relata que, com o cinema novo, o cinema nacional se tornou sucesso no exterior e, principalmente, na Europa.

[...] denunciavam em altos brados a ocupação do mercado pelo produto estrangeiro, demonstravam grande desprezo pelo trabalho na televisão e, por isso mesmo, aplaudiram a fundação da Embrafilme (em 1969), que poderia ajudar na produção/distribuição de filmes de custo mais elevado. (COSTA, 2012, P. 2- 3)

A Embrafilme foi essencial para a indústria cinematográfica do Brasil, já que, a empresa foi responsável pela produção de filmes que fizeram a história do cinema brasileiro mudando, assim, toda a perspectiva do audiovisual no Brasil. De acordo com COELHO (2009), a finalidade da empresa era proteger o cinema brasileiro, desse modo, seu maior objetivo era a distribuição de filmes nacionais no exterior, para que, assim, a indústria cinematográfica do Brasil tivesse reconhecimento internacional e, automaticamente, valorização da população brasileira.

No início da década de 90, a população brasileira havia acabado de passar um longo período de censura e torturas, a ditadura militar (1964-1985). Com a esperança da democracia e dos direitos retomados, a população elegeu Fernando Collor para a presidência. Foi neste governo que iniciaram as privatizações das estatais e o principal efeito na cultura, ainda neste governo, foi o fechamento da Embrafilme e isso, obviamente, ocasionou em uma crise do cinema brasileiro.

Em 1995, o cinema brasileiro iniciou o período de recuperação, a criação do Ministério da Cultura e da lei de incentivo cultural auxiliaram bastante o processo. Como mencionou COELHO (2009), as leis de incentivo à cultura têm como finalidade universalizar o direito e acesso à cultura nacional.

A Lei do Audiovisual, n.º 8.685/1993, possui mecanismos para o incentivo às atividades relacionadas ao audiovisual e, na realidade, esta lei possui mais enfoque na estimulação da produção, deixando assim, em segundo plano, a distribuição e exibição.

No fim da década de 1970, em meio a ditadura militar e seus efeitos, surge o movimento do vídeo popular que tem como finalidade a diversificação das estratégias de comunicação das organizações sociais militantes. A expansão ocorre, já que, indivíduos dos movimentos sociais veem o vídeo como uma excelente ferramenta de divulgação das suas ideias e ideologias.

Assim como, no final da década de 1960, havia sido cunhada a expressão “vídeo militante” para nomear um tipo de trabalho que se opunha à produção massiva identificada na televisão, na década de 1970, o vídeo passa a ser entendido também como instrumento de contra-informação”. (ALVARENGA, 2004, p. 46 apud CIRELLO, 2010, p. 50)

Segundo SANTORO, o conceito de Vídeo Popular refere-se:

A produção de programas de vídeo por grupos ligados diretamente a movimentos populares, como por exemplo, os sindicatos e associações de moradores e movimentos dos Sem-Terra...

A produção de programas de vídeo por grupos independentes dos movimentos populares, que por iniciativa própria elaboraram sob a ótica e a partir dos interesses e necessidades desses movimentos, que são por fim seu público mais importante. O processo de produção de programas de vídeo, com a participação direta de grupos populares em sua concepção, elaboração e distribuição, inclusive apropriando-se dos equipamentos de vídeo. Tudo isso é, para nós, o vídeo popular. Uma definição abrangente, que tem como referência primordial a prática do uso do vídeo pelos movimentos populares, o volume dessa produção, o seu teor, os grupos que são responsáveis por ela e a exibição de programas comprometidos com a realidade social". (SANTORO, 1989, p. 60-1 apud CIRELLO, 2010, p. 50-1)

Segundo ALVARENGA (2004), os vídeos populares são produzidos com a participação de uma determinada comunidade e, logo após a produção, transmitido para a mesma comunidade. Vale ressaltar que a transmissão pode se dar em âmbitos abertos (praças públicas) ou âmbitos fechados (associações, escolas, centros comunitários, enfim). Entretanto, como menciona CIRELLO (2010), houve grande contradição no que diz respeito ao vídeo popular, já que, era evidente o desejo e necessidade de grupos coletivos inseridos na realidade terem posse da câmera para que, assim, conseguissem evidenciar as imagens do seu mundo e pelo seu ponto de vista, entretanto a desigualdade, ocasionada pelo capitalismo, não permitia os meios de acesso para o aprendizado desta linguagem, especificamente.

Diante desta realidade, a Associação Brasileira de Vídeo Popular foi criada, com o principal objetivo de capacitar e permitir que movimentos sociais tivessem acesso, de maneira coletiva, aos materiais necessários, a cursos e seminários, a metodologias de produção e exibição, ou seja, para que tivessem conhecimentos teóricos e práticos e autonomia para produção de vídeos que contribuíssem, inevitavelmente, nas suas lutas e na disseminação de suas ideologias.

Segundo ALVARENGA: "Diversas ações foram levadas a efeito para que efetivamente os movimentos populares participassem da maneira mais ampla possível do processo de produção de vídeos" (ALVARENGA, p. 51 apud CIRELLO, 2010 p. 52).

Em sua tese, GONÇALVES (2019) menciona elementos para a construção do audiovisual no contexto de pesquisa da educação do campo. A produção do audiovisual acontece com a execução de algumas etapas importantes, são elas: o planejamento e a escrita do roteiro, a captação da filmagem e do som, a edição e, por fim, a apresentação da produção à comunidade.

A filmagem é o recorte da ambientação, já que, a câmera pode estar posicionada em diversos ângulos, que, por sua vez, sempre irão evidenciar alguma expressão e transmitir alguma mensagem. Os recortes são definidos como planos. De acordo com XAVIER: "plano

corresponde a cada tomada de cena, ou seja, à extensão de filme compreendida entre dois cortes, o que significa dizer que o plano é o segmento contínuo da imagem” (XAVIER, 2005, p. 27 apud GONÇALVES, 2019, p. 108). Segundo GONÇALVES (2019), a escala de planos é a base para os enquadramentos e, além disso, o plano também é o posicionamento da câmera em relação a algo ou alguém.

No plano geral os espaços são amplos, não há identificação nítida dos personagens, sendo assim, o campo de visão é maior. O plano de conjunto enquadra os personagens, que agora são reconhecíveis, mas ainda preserva o entorno. O plano americano tem o corte acima do joelho e é usado para registrar ações. O plano médio tem o corte na região do umbigo e é muito usado em entrevistas, já que, consegue captar com maior proximidade do personagem e, ainda assim, captar o meio em que ele está inserido. O primeiro plano coloca o rosto do personagem em ênfase com a proximidade da câmera, e tem como variante, com ainda mais proximidade, o primeiríssimo primeiro plano. Por fim, o plano detalhe propõe cortes próximos em objetos ou partes específicas. Além dos ângulos existe, também, o posicionamento da câmera, que pode estar normal (na altura dos olhos), um pouco mais elevada, gravando de cima para baixo ou um pouco mais abaixo, gravando de baixo para cima. De acordo com GONÇALVES (2019), é comum a tentativa de fazer com que cada plano expresse mensagens ou emoções desejadas.

O documentário é a exibição de vivências reais que se dá pela narrativa e que pode, segundo NICHOLS, auxiliar as esferas da ciência, política, educação e lei. Sendo assim, o documentário pode contribuir na interpretação do processo de construção da realidade social. (NICHOLS, 1997, p. 32 apud GONÇALVES, 2019, p. 114)

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre nossas vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essa história numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia (NICHOLS, 2016, p. 37 apud GONÇALVES, 2019, p. 116).

Segundo GONÇALVES (2019), a conexão do documentário com representação e autorrepresentação se manifesta pelo reconhecimento do lugar de construção dos personagens, sendo assim, entende-se que os personagens representados assumem medidas intencionais na construção das obras. De acordo com GOFFMAN: “uma representação é ‘socializada’, moldada e modificada para se ajustar à compreensão e às expectativas da sociedade em que é apresentada” (GOFFMAN, 2013, p. 47 apud GONÇALVES, 2019, p.

123). SOTOMAIOR (2014) diferencia dois conjuntos em relação à representação, ele menciona a representação política que se dá nas relações humanas, sociais e burocráticas, e menciona a representação como linguagem enquanto produções artísticas, expressão e significação. Esses conjuntos se conectam quando as relações dos sujeitos do audiovisual são mencionadas. (SOTOMAIOR, 2014, p. 268 apud GONÇALVES, 2019, p. 123)

GONÇALVES (2019) traz, em sua tese, o contexto da percepção de sujeitos políticos, dentro da Educação do Campo, que estão inseridos nas organizações sociais e nas lutas por direitos de maneira efetiva, sendo assim, menciona como se faz eficiente a conexão de representação e autorrepresentação no audiovisual quando, especialmente, comunidades rurais e periféricas são apontadas. Com a criação do Coletivo de Vídeo Popular em São Paulo, em 2005- 2011, ocorreram diálogos e novas organizações diversificadas e periféricas, responsáveis pelas produções audiovisuais. Os coletivos de audiovisual que, em sua grande maioria, são periféricos, quando assumem sua condição de indivíduos residentes em uma periferia e tem orgulho de quem são, conseguem revolucionar a política e a cultura, assim sendo, as suas produções audiovisuais vão emergir o autorreconhecimento dos sujeitos periféricos. De acordo com NOVENTA: “entendendo a cultura como forma de luta, a reflexão sobre a linguagem do vídeo popular pode ser uma expressão que contribua para a identificação de classe” (NOVENTA, 2014, p. 72 apud GONÇALVES, 2019, p. 125).

Como GONÇALVES (2019) menciona, quando os coletivos entendem seus territórios e suas identidades, a compreensão do pertencimento da definição popular é inevitável, logo, o diálogo com as comunidades marginalizadas na sociedade e a efetiva colaboração das lutas sociais se fortalecem, inclusive na cultura.

O uso do conceito popular, no lugar de comunitário e de quebrada, confere ao movimento um sentido político mais abrangente e vertical. Abrangente porque sai de um determinismo local e passa a dialogar com todas as pessoas e coletivos que se colocam na condição de explorados na sociedade de classes. Vertical pois essa mudança de conceito demonstra um aprendizado do movimento e reflete suas circunstâncias da época; com o avanço e reconhecimento das ações dos coletivos, estes cada vez mais se aproximaram do movimento de pessoas e outros grupos ligados a questões das minorias étnicas (negros e indígenas), de gênero, de luta por moradia, por reforma agrária, por democratização dos meios de comunicação, da luta contra a criminalização da pobreza, de reflexões críticas e artísticas anticapitalistas. (NOVENTA, 2014a, p. 60 apud GONÇALVES, 2019, p. 125)

Em sua tese, GONÇALVES (2019) menciona MOTTA (2013), que compreende as representações em um sentido muito amplo abrangendo, portanto, ideologias, linguagem, memória, discursos, vocabulários e culturas visuais diversas, conseqüentemente, faz com que o audiovisual seja objeto de estudo com o conceito de política e cultura. Assim sendo, a

produção cultural e artística é uma prática cultural de grupos sociais e se faz fundamental essa relação, já que, compreender expressões artísticas como cultura política, significa ampliar o olhar para tradições históricas que revelaram a articulação e construção dos seus significados e valores. (ESTEVAM; COSTA; VILLAS BÔAS, 2015 apud GONÇALVES, 2019, p. 130)

4.2 Escolas e Educação do Campo

Se faz de suma importância que o desenvolvimento e condução das escolas do campo sejam realizados pelos próprios trabalhadores e comunidades rurais, para que, assim, consigam alinhar a escola aos seus interesses, culturas, saberes e lutas políticas. Desse modo, para que a escola do campo se torne uma extensão da comunidade em que está inserida, a participação dos indivíduos residentes na localidade deve ser ativa e baseada na colaboração coletiva.

As escolas do campo devem carregar consigo sua identidade e a identidade da comunidade que pertence, entretanto, não devem ser isoladas em quesitos pedagógicos e culturais, sendo assim, a escola do campo auxiliará indivíduos camponeses na compreensão de que são, ou podem ser, sujeitos sociais ativos e participantes no processo de humanização e desenvolvimento social.

A concepção de escola do campo se insere também na perspectiva gramsciana da Escola Unitária, no sentido de desenvolver estratégias epistemológicas e pedagógicas que materializem o projeto marxiano da formação humanista omnilateral, com sua base unitária integradora entre trabalho, ciência e cultura, tendo em vista a formação dos intelectuais da classe trabalhadora (MOLINA; SÁ, 2012, p.327 apud MARTINS, 2020, p. 22)

De acordo com MARTINS (2020), historicamente, a educação rural sempre foi uma extensão precária da educação urbana. Esta situação fez com que moradores camponeses se mobilizassem para mudar tal realidade e, assim, garantir a oportunidade de uma educação de qualidade, que se adeque às divergentes realidades, em todos os âmbitos da sociedade, rural e urbana. A educação do campo tem um princípio que vai além das práticas educacionais tradicionais, por isso, ela defende o campo e emancipa os sujeitos rurais. A educação do campo possui uma base bem sólida de metodologias e conhecimentos específicos e todas as produções refletem, inevitavelmente, a realidade social e as lutas do campo promovendo, assim, uma educação integrada e contextualizada.

É inevitável mencionar a importância do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem

Terra (MST) nas melhores condições educacionais no campo, defendendo, assim, uma educação pedagógica e política. Sendo assim, para que haja a concretização dos métodos pretendidos pelo movimento e pelas comunidades, a educação do campo é baseada em alguns princípios fundamentais e necessários, são eles: A pedagogia da alternância, a pedagogia do movimento e a vinculação da escola com a realidade social do campo, desse modo, a escola sempre estará vinculada as práticas, cultura e saberes locais.

A pedagogia de alternância é um método educacional que alterna períodos de estudo na escola e período de estudos na prática no campo. Este método é essencial, já que permite que os estudantes apliquem, na prática em suas realidades e vivências, todo conhecimento teórico adquirido, desse modo, a educação contextualizada se faz eficiente e relevante para os discentes.

O educador dos cursos em alternância é aquele que vê a complexidade e tenta transformar no simples, é comprometido com o processo evolutivo dos estudantes e de si. Contribui com o projeto de uma nova pedagogia e concomitantemente com uma nova sociedade. Educador da educação em alternância deve estar presente no contexto das atividades inerentes ao processo, ou seja, nas aulas, nas atividades, nos tempos comunidades, na realidade dos estudantes, na organicidade. Ele deve ser aquele que compreende as contradições dos estudantes e de suas comunidades. (MARQUES, 2023, p. 31-2)

A pedagogia do movimento Sem Terra (MST), utiliza a educação para transformação social, ou seja, as práticas educativas irão se basear nas experiências de lutas por direitos sociais. Desse modo, os movimentos sociais participam ativamente dos métodos educacionais e nas práticas pedagógicas e, inevitavelmente, a educação se torna coletiva e contínua.

A vinculação da escola do campo com a realidade da comunidade é essencial para que se compreenda a importância da coletividade e das vivências e, assim, a educação se faz eficiente e relevante para os jovens estudantes. Além disso, é indispensável enfatizar que a escola não deve ser um lugar isolado e individualizado, por isso, as particularidades das realidades devem ser compartilhadas para a compreensão e resolução coletiva das divergências.

(...) tendo em vista o ensino da cultura selecionado para o trabalho educativo e curricular, ressalta a análise anteriormente feita, que a escola e seu vínculo com a realidade social é um elemento formativo fundamental no processo de ensino ou para os estudos. (ANTONIO, 2013, p.196 apud MARTINS, 2020, p. 32)

De acordo com SANTOS (2020), a introdução da contextualização na educação brasileira foi sancionada através da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) nº 9.394/96 que valoriza o uso cotidiano dos conhecimentos adquiridos no âmbito escolar. Os Parâmetros Curriculares

Nacionais orientam os professores e a escola, dando ênfase na contextualidade e interdisciplinaridade. Segundo HARTMANN (2007 apud SANTOS, 2020), a interdisciplinaridade é essencial para a compreensão dos estudos sociais, científicos e culturais, enquanto a contextualização consegue significar os conhecimentos escolares nas vivências e realidades dos discentes tornando, assim, os estudantes protagonistas na construção dos conhecimentos.

Devido a formação social, é muito importante o relacionamento direto entre as disciplinas e as realidades dos jovens, desse modo, a contextualização e a interdisciplinaridade conseguem trazer o cotidiano dos discentes para o âmbito escolar e os conhecimentos teóricos para a vida cotidiana dos mesmos.

Todo conhecimento é socialmente comprometido e não há conhecimento que possa ser aprendido e recriado se não se sabe parte das preocupações que as pessoas detêm. O distanciamento entre os conteúdos programáticos e a experiência dos alunos certamente responde pelo desinteresse e até mesmo pela deserção que constatamos em nossas escolas (BRASIL, 2002 a, p. 22 apud SANTOS, 2020, p. 5)

De acordo com SANTOS (2020), é necessário que se desenvolva um currículo contextualizado, para que, assim, não haja mais a fragmentação dos conhecimentos e a individualização entre disciplinas e realidades dos discentes. A contextualização e a interdisciplinaridade formam um conhecimento integrado que acarreta em um currículo político-pedagógico dinâmico, desse modo, a realidade dos jovens estudantes é essencial na organização curricular e na metodologia de ensino.

A experiência concreta da vida dos alunos não fica do lado de fora da escola. Conectar os conteúdos escolares ao interesse dos jovens estudantes pressupõe entendê-los como produtores de discursos, em que selecionam, categorizam e organizam, a partir de suas experiências, todos os enunciados que lhes são dirigidos (Fígaro, 2010, p.27 apud SANTOS, 2020, p. 6)

Portanto, a educação do campo é um movimento de resistência e inovação que tenta, como já foi mencionado, superar a marginalização da educação rural. Além disso, relacionar os métodos pedagógicos com as realidades e vivências da comunidade são essenciais para a efetivação de uma educação contextualizada e emancipatória, fazendo, assim, com que os sujeitos do campo sejam ativos na construção do seu futuro, das suas lutas e na humanização da sociedade.

A Licenciatura em Educação do Campo é um curso que forma docentes adaptados à realidade rural e às lutas camponesas e quilombolas. O curso é majoritariamente composto por estudantes Quilombolas que, com muita resistência, conseguiram reivindicar seu espaço

de direito. O MST também está presente neste espaço, trazendo ensinamentos da coletividade, luta e direito à terra. A LEdoC é um curso político, igualitário e diversificado, e traz em suas premissas a educação contextualizada, pesquisa de campo, afetividade e reivindicação de direitos. É inevitável, neste curso, reconhecer o espaço em que se está inserido e tentar mudá-lo para as gerações subsequentes.

A Licenciatura em Educação do Campo é uma nova modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras. Esta licenciatura tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e médio, tendo como objeto de estudo e de práticas as escolas de educação básica do campo. (MOLINA, 2012, p. 468 apud FERNANDES, 2015, p. 30)

A LEdoC forma docentes em três diferentes habilitações: Ciências da natureza, Matemática e Linguagens, literatura e artes. O curso adere a pedagogia da alternância, assim sendo, os estudantes possuem o TU (tempo Universidade) e o TC (tempo Comunidade), este método é essencial para que seja aplicado na prática toda a teoria adquirida. É importante mencionar que, durante a etapa que os estudantes estão na Universidade, é disponibilizado um alojamento para residir até o final das disciplinas, ótima inclusão para estudantes que possuem filhos e dificuldade de locomoção.

Todo o meu trabalho tem referência da minha habilitação em Linguagens e dos excelentes professores que fizeram parte desse processo de aprendizagem. Com as disciplinas disponibilizadas se tornou viável a visão crítica da realidade e a elaboração da produção inicial do documentário.

4.3 Memória

De acordo com DELGADO (2003), tempo, memória, espaço e história percorrem coletivamente, mesmo que, por muitas vezes, possam haver conflitos na busca e reconstrução das memórias. O tempo não consegue alterar o que passou, todavia consegue modificar e reafirmar o significado do passado, sendo assim, o tempo projeta vivências e acontecimentos do passado na melhora e nas possibilidades do futuro que se almeja.

CARMELO DISTANTE menciona:

“Não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um ‘coração antigo’, isto é, se o futuro não se basear na memória do passado” (DISTANTE, 1998, p. 84 apud DELGADO, 2003, p. 10)

A maior contribuição da memória é permitir que indivíduos não percam as referências

que são fundamentais na construção das identidades individuais e coletivas. As identidades estão em constante movimento e, mesmo assim, são essenciais para o autoconhecimento dos indivíduos e de suas histórias.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança. (POULET, 1992, p. 54-5 apud DELGADO, 2003, p. 6)

A memória é essencial na construção da identidade e na preservação das histórias e vivências individuais. Segundo PINTO (1998), a memória é um refúgio da história que permite uma manifestação do passado, sendo assim, a memória tem a capacidade de reconstruir vivências e relembrar eventos e emoções significativas. A memória é imprescindível para a compreensão da temporalidade, desse modo, as experiências passadas podem ser reinterpretadas e são essenciais na formação das identidades e na preservação de legados culturais, sociais, familiares e profissionais.

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.” (Neves, 1998, p. 218 apud DELGADO, 2003, p. 10)

Por fim, além das memórias, a narrativa também é fundamental, já que elas permitem a locomoção no tempo de quem as escuta e, além disso, a preservação das narrativas se faz eficaz com a história oral. A história oral é uma metodologia eficaz para a produção das narrativas, fazendo, assim, com que lembranças individuais se tornem coletivas e significativas. As narrativas históricas permitem que as memórias se mantenham vivas e se tornem, inevitavelmente, coletivas e, este fato, auxilia na compreensão do passado e na construção e modificação do futuro.

4.4 Gênero, machismo estrutural e patriarcado

De acordo com JÚNIOR (2018), gênero é uma construção social que determina a maneira que homens e mulheres devem se portar, ou seja, atender as expectativas da sociedade. Em uma cultura predominante, os estereótipos de homens e mulheres já estão preestabelecidos, inevitavelmente, na estrutura da sociedade. Desse modo, a estrutura patriarcal se reforça cotidianamente, já que, as mulheres são vistas como frágeis e inferiores,

tanto no físico quanto no intelectual, enquanto os homens são referências de virilidade, resistência e racionalidade. Todas estas características são, historicamente, normalizadas e aceitas e, por esse motivo, geralmente não são questionadas e são interpretadas como a natureza biológica. Entretanto, é importante ressaltar que todas as ideologias adquiridas são construções sociais, culturais e políticas.

[...] é o que “determina” aquilo que culturalmente seriam características do ser “masculino” e do “feminino”: forma física, anatomia, maneira de se vestir, falar, gesticular, enfim as atitudes, comportamentos, valores e interesses de cada gênero (lembrando que essas características são designadas pela sociedade culturalmente dominante). Essas diferenças são estabelecidas historicamente, de acordo com dada sociedade, e influenciadas por sua cultura. Portanto, elas representam uma categoria histórica e não são naturalmente determinadas. (BONFIM, 2012, p.37 apud JÚNIOR, 2018, p. 5)

Como menciona JÚNIOR (2018), o preconceito se manifesta em âmbitos sociais, raciais e de gênero, individualmente ou coletivamente. Como já foi relatado, o preconceito de gênero é a suposição da supremacia de um gênero em relação a outro e, evidentemente, este preconceito é estrutural, ou seja, é inerente à sociedade. De acordo com CHAÚÍ, o estereótipo é caracterizado como:

“conjunto de crenças, valores, saberes, atitudes que julgamos naturais, transmitidos de geração em geração sem questionamentos, e nos dá a possibilidade de avaliar e julgar positiva ou negativamente, coisas e seres humanos” (CHAÚÍ, 1996/97, p. 116 apud JÚNIOR, 2018, p. 7)

Patriarcado é uma palavra que, de acordo com JÚNIOR (2018), é caracterizada como “poder do pai”, assim sendo, o poder e tudo de extrema relevância a ser definido deve possuir a frente da figura masculina, do homem.

O patriarcado tem duas dimensões intrínsecas básicas: a dominação do pai e a dominação do marido, nessa ordem. Em outras palavras, o patriarcado refere-se às relações familiares, de geração ou conjugais, ou seja, de modo mais claro, às relações de geração e gênero. (THERBORN, 2006, p.29 apud JÚNIOR, 2018, p. 7)

O machismo na nossa sociedade é estrutural, já que, é uma característica social que perpassa diversas gerações e se manifesta nas relações humanas. A hierarquização do sexo é inerente em diversos aspectos da sociedade, já que, essa construção de ideologia é histórica e se perpetua, infelizmente, até os dias atuais.

O sexismo refere-se às discriminações sofridas por determinado gênero ou orientação sexual, onde um deles é privilegiado e o outro discriminado. Mas as mulheres são mais atingidas por esta prática advinda de uma cultura falocrática, patriarcal e machista onde as mulheres são desqualificadas e

inferiorizadas. Sexismo e machismo seguem a mesma lógica de dominação e de discriminação. Onde se designa papéis e julgamentos distintos para homens e mulheres, repugnando comportamentos e atitudes feminilizadas. (BONFIM, 2015, p. 9 apud JÚNIOR, 2018, p. 8)

Segundo SEGATO (2003 apud ALMEIDA, 2004), a violência de gênero está inserida em uma estrutura patriarcal que organiza relações sociais hierárquicas. SEGATO (2003 apud ALMEIDA, 2004) explica que essa hierarquia é mantida por dois eixos fundamentais: o eixo vertical, que reflete a dominação entre o agressor e a vítima, e o eixo horizontal, que evidencia as interações entre homens como iguais no mesmo nível hierárquico. Para ela, a superação dessa estrutura requer a reforma das relações de intimidade e uma atuação conjunta do Direito e da Comunicação. O Direito tem o poder de transformar relações sociais, enquanto a Comunicação pode democratizar mudanças. Assim, o combate à violência de gênero deve ser visto como parte de um esforço maior para desestabilizar a ordem patriarcal que sustenta essas práticas.

O artigo de AMARAL; LIMA (2022) possui uma análise aprofundada da teoria de Judith Butler sobre o gênero, com base na obra “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”. A partir dessa obra, o artigo menciona como BUTLER (2018 apud AMARAL; LIMA, 2022) desconstrói a ideia de que o gênero seja uma identidade essencial ou natural, ao contrário, para ela o gênero é uma construção social e discursiva, feita por meio de atos executados de maneira repetitiva. BUTLER (2018) argumenta que tanto o sexo quanto o gênero são socialmente e culturalmente construídos, acabando com a ideia tradicional de que o sexo é biológico e o gênero é socialmente construído. Para ela, o corpo não é apenas matéria biológica, mas uma construção discursiva, que reflete as normas sociais e culturais sobre o gênero. De acordo com BUTLER (2018 apud ALMEIDA; LIMA, 2022), o gênero não é algo que possuímos, mas algo que fazemos, portanto, não é uma essência ou identidade imutável, mas um conjunto de práticas sociais que são continuamente repetidas ao longo do tempo, criando a aparência de uma identidade fixa. Sendo assim, segundo BUTLER (2018 apud ALMEIDA; LIMA, 2022), essa visão do gênero como performativo permite questionar as normas sociais que sustentam a distinção entre masculino e feminino, e abre possibilidades para formas alternativas de identidade de gênero.

Obviamente, com o passar dos tempos e a renovação das gerações, a compreensão do funcionamento social, dos deveres e obrigações dos cidadãos se aperfeiçoa, desse modo, a luta por direito à vida, direito à liberdade e o direito de ir e vir são, constantemente, reivindicados por mulheres de modo coletivo com um único propósito, a igualdade dos

gêneros. Uma artista que vem se destacando atualmente é Rosana Paulino. Mulher negra que consegue representar, em suas artes, questões sociais, étnicas e de gênero. As suas obras têm como foco principal a representação da mulher negra na sociedade brasileira e todas as violências que enfrentam cotidianamente.

Como JÚNIOR (2018) menciona, a discrepância da teoria com a realidade é chamativa, já que, a Constituição Federal assegura que a igualdade é um direito e, por isso, deveria ter garantia em todas as instâncias. O art. 5º da Constituição Federal de 1988 diz:

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;” (JÚNIOR, 2018, p. 8)

De acordo com PAULILO (1976), o trabalho da mulher, e mais especificamente da mulher rural, que é de quem ela trata em sua tese, pode ser dividido em três, são eles: trabalho doméstico, trabalho produtivo no lar e trabalho produtivo fora do lar. PAULILO (1976) argumenta que a separação dessas esferas é complexa, já que, todas as atividades das mulheres rurais podem ser integralizadas e todas as áreas de suas propriedades são consideradas a residência em que vivem, desse modo, o trabalho no campo também é considerado “trabalho de casa”. Lavar e passar, cozinhar, lavar a louça, costurar, cuidar das crianças e arrumar a casa foram considerados, em sua tese, trabalhos domésticos. Cuidados com a horta e animais domésticos, foram considerados trabalhos produtivos no lar. Por fim, todo o trabalho no campo foi considerado trabalho produtivo fora do lar. Segundo PAULILO (1976) : “A separação entre trabalho produtivo e não produtivo(trabalho doméstico) foi feita com base no trabalho de FLORA e JOHNSON (1975)”.

O trabalho doméstico... não constitui uma atividade produtiva propriamente dita, pois não se acha integrada na divisão social do trabalho nem contribui para o produto social. É uma atividade que produz serviços... que o consumidor presta a si mesmo... que só apresentam significado econômico quando decorrem de serviços prestados por empresas que os vendem (SINGER; MADEIRA, 1973, p. 45 apud PAULILO, 1976, p. 64)

PAULILO (1976), em sua tese, realizou uma pesquisa de campo para compreender o trabalho da mulher no meio rural e a desigualdade de gênero no mesmo âmbito. A análise dos dados resultou na compreensão de que as mulheres rurais sofrem sobrecarga nas atividades, já que, possuem trabalhos cumulativos no lar e no campo. Esta sobrecarga resulta, conseqüentemente, em um envelhecimento precoce e não pode ser considerada acúmulo de trabalhos que geram independência feminina, já que, o trabalho no campo não é remunerado,

sendo assim, o trabalho produtivo da mulher rural e da mulher urbana não são similares e nem comparativos. Portanto, a pesquisa de campo de Paulilo concluiu que a desigualdade de gênero no âmbito rural se expressa da seguinte forma: acúmulo de funções para as mulheres, falta de independência financeira e divisão sexual dos trabalhos.

5. PRODUÇÃO, SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O audiovisual foi feito como parte deste estudo (<https://youtu.be/CastU4F2kso?si=3IRRcsnpeXWbtVZm>) e foi uma parte fundamental nesse projeto, já que, por meio dele, todas as memórias das mulheres entrevistadas foram eternizadas e podem ser compreendidas e estudadas por outros indivíduos e outras gerações. Durante todo o processo de produção, o foco principal foram os relatos de vivências e situações em que essas mulheres estiveram inseridas, tudo isso, de alguma forma, marcou e influenciou nos processos de suas vidas.

A produção do audiovisual se deu de maneira facilitada, já que, todas as entrevistadas residem no mesmo âmbito rural, sendo assim, o acesso a todas elas e suas histórias se deu rapidamente e sem imprevistos. Durante as gravações, entretanto, ocorreram situações irreversíveis para a produção: barulhos de vento, canto de cigarra e passarinhos, é impossível controlar seres livres na natureza em que vivemos. Na filmagem, tentei utilizar um padrão de enquadramento, usei o plano médio que tem o corte na região do umbigo e é muito utilizado em entrevistas, já que, consegue captar com maior proximidade do personagem e, ainda assim, captar o meio em que ele está inserido. A câmera foi posicionada de maneira a mostrar o perfil das entrevistadas, houve a tentativa de utilizar um posicionamento padrão. O equipamento utilizado foi composto por um suporte e uma iluminação artificial, com a câmera e a captação do áudio de um telefone celular.

A sistematização das entrevistas foi um processo longo e complicado, inicialmente a organização das entrevistas se deu de maneira individual para que, só assim, fosse possível unir todas as falas e memórias. Para a organização conjunta das entrevistas, me baseei na mulher da primeira geração e fui desenvolvendo as falas conforme completassem ou contemplassem as falas da matriarca. Todas as questões que geraram as respostas foram padrão, para que, assim, pudesse unir declarações similares de situações similares, cada situação com a sua especificidade geracional, mas com uma reflexão final muito parecida.

Seguem as questões abordadas:

- Nome, idade, onde nasceu e foi criada?
- Descreva a estrutura familiar em que cresceu.
- Quais as expectativas dos papéis de gênero no seu núcleo familiar quando criança/adolescente?
- Como o machismo e o patriarcado se manifestaram na sua vida pessoal e familiar?
- Fale da família que você constitui e sua posição nela.
- Relate momentos que sentiu sobrecarga de responsabilidades por ser mulher.
- Como lida com suas responsabilidades pessoais e familiares?
- Qual a importância da educação na sua vida e na sua trajetória?
- Quais as maiores lições que aprendeu com as mulheres da sua família?
- Como vê as mudanças do papel da mulher na sociedade ao longo das gerações?
- Qual a importância da educação contextualizada nas escolas do campo?
- Como você adaptou a sua metodologia quando migrou da zona urbana para a zona rural?
- Como a educação pode promover o empoderamento feminino?

Todos estes questionamentos foram fundamentais para a produção do audiovisual e para identificar as semelhanças e divergências do machismo e do patriarcado ao longo das gerações.

Após a produção e sistematização das entrevistas, foi possível realizar a análise do conteúdo e identificar todas as semelhanças e divergências geracionais relacionadas à estrutura social machista e patriarcal. Fica bem evidente, nas declarações, a mudança de comportamento e o empoderamento que as gerações desenvolvem ao longo do tempo.

A mulher entrevistada que representa a primeira geração deste trabalho, é minha bisavó, ela tem 81 anos e é a matriarca da minha família. Ela relata acontecimentos da sua infância e momentos da sua vida adulta com seus filhos. Todo o machismo, trabalho infantil e sobrecargas que ela sofreu, são retratados por ela com sofrimento, mas de maneira naturalizada. Ela foi criada pelo pai, mas relata não saber o que é um amor paterno, sendo assim, apesar de estar fisicamente com ela todo o tempo em que residiram juntos, fica evidente a falta da presença paterna em sua vida. Depois que ela casou, relata que os sofrimentos se intensificaram, seu marido tinha surtos recorrentes e, em um desses surtos, queimou suas roupas e um relógio importante que ela havia ganhado do pai. Ela teve dois

filhos e teve que criá-los sozinha, com toda a pressão externa por ser uma mulher separada e por ver seus filhos sofrendo o que ela sofreu, teve forças de buscar uma vida melhor para todos, veio para Brasília e se estabilizou no Paranoá-DF.

A segunda geração é representada pela minha avó, ela tem 58 anos e teve três filhas. Quando relata a sua adolescência, ela lembra dos momentos difíceis que viveu. Ela relata a situação de onde residiu, no Paranoá Velho, e como a luta era inevitável para que se conquistasse uma moradia. Minha avó teve sua primeira filha muito nova, ela menciona como não teve adolescência e cresceu junto com as suas filhas, fazia atividades com suas filhas e sempre estava presente em todos os momentos. Diferente da primeira geração, ela não normaliza situações de sobrecarga e decisões imediatistas que foram tomadas, além disso, menciona como sempre se posicionou com suas ideologias. Apesar disso, ela afirma que o machismo e o patriarcado eram comuns na sua época e que a mulher apenas tinha validade se houvesse uma opinião e um posicionamento masculino. Se repete, nesta geração, a sobrecarga feminina, já que, todas as funções relacionadas ao lar ela quem resolvia e, mesmo com essa sobrecarga e obrigações familiares, ela sempre se fez presente na vida das suas filhas, sempre garantiu que elas tivessem o melhor ensino e o melhor direcionamento. Na produção fica evidente o sexismo e a divisão de tarefas conforme o gênero. Ela menciona que sempre considerou a educação fundamental e essencial em sua vida.

A terceira geração é representada pela minha mãe e pela minha tia, ambas são professoras pedagogas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e ambas já lecionaram tanto na área urbana, quanto na área rural. Apesar de serem da mesma geração, cresceram com ideologias divergentes em relação ao papel masculino na sociedade. Similar com a segunda geração, minha mãe nunca esperou posicionamento masculino e sempre colocou, da melhor maneira, suas ideologias e sua maneira de viver. Minha tia, pelo contrário, ficou frustrada com suas expectativas, já que, esperou um posicionamento masculino mínimo que não existiu. O fato é que, como mostra a entrevista, esperando rede de apoio masculina ou não, a sobrecarga feminina e as doenças psicológicas ocasionadas por isso, são inevitáveis. Ambas tomaram frente das suas famílias e assumiram tudo sozinhas, como em todas as gerações anteriores, e tentar conciliar a sobrecarga familiar com as necessidades pessoais é algo desafiador e foi, para elas, o causador de muitos transtornos. Como em todas as outras gerações, elas também não tiveram apoio ou presença paterna, já que, a presença física não cria memórias afetivas. Como pedagogas, ambas valorizam a educação e observam o ensino e o aprendizado como uma ferramenta libertadora. Como

educadoras do campo, elas compreendem que o empoderamento deve ser passado para as alunas e que, apresentado de forma sutil, poderá transformar a sociedade e as gerações seguintes ao longo do tempo. Por fim, elas mencionam, na entrevista, o método educacional que aplicam nas escolas do campo e a necessidade dos estudantes rurais.

Com base nas entrevistas, fica evidente como a sobrecarga feminina continua presente nas vivências e na realidade das três gerações mencionadas.

"Ficar era pior porque era pra fazer queijo, trazer água pra casa que era longe demais, e fazer almoço... minha filha, ninguém queira, ninguém queira porque é o sofrimento."
(Antônia Felix)

"A diferença de estar casada ou separada era que eu tinha mais uma pessoa pra carregar quando tava casada. As responsabilidades todas ficavam por minha conta." (Tatiana de Araújo)

"Era eu quem fazia tudo: reunião de colégio, reunião de pais, escolha de escola, conversa com professora. Mesmo trabalhando, fazia um planejamento pra estar lá." (Maria Gecilene)

"Minha mãe fazia de tudo para que a gente tivesse outros ambientes, conhecesse outras coisas e também para que a gente tivesse um bom ensino, uma boa educação. Ela sempre correu atrás disso. Para cuidar da gente era minha mãe, e para resolver qualquer problema, sempre era minha mãe. Meu pai mesmo era só uma figura decorativa." (Bruna de Araújo)

Além disso, também fica evidente as agressões, psicológicas e físicas, e o machismo em todas as suas formas de manifestação.

"Meu pai batia muito nos meus filhos, na hora do almoço, ele tinha que estar dormindo."
(Antônia Felix)

"Meu pai era muito agressivo com a minha mãe, bebia muito, e a gente tinha momentos bem difíceis assim. Ele era um pai ausente mesmo dentro de casa." (Bruna de Araújo)

"O homem era negócio de trabalhar e trazer alimento pra dentro de casa, mas as mulheres ficavam responsáveis pelo resto: criação dos filhos, alimentação, problemas financeiros... tudo." (Maria Gecilene)

"Na minha família, meu pai achava que a gente tinha que fazer as coisas de dentro de casa,

mas minha mãe sempre teve o pensamento de que mulher precisava ter autonomia." (Tatiana de Araújo)

"Meu pai não deixava nem olhar, nem pra nada. Eu não saía para nenhum canto porque era separada, era mulher que não tinha vergonha na cara, meu pai dizia: 'Ah, você está separada, você não vai pra nenhum canto" (Antônia Felix)

"Pegou meu relógio que meu pai me deu, banhado a ouro, aí pegou só minhas roupas, pegou e botou fogo, e foi, sumiu." (Antônia Felix)

Por fim, mesmo com muitos sofrimentos se perpetuando em todas as gerações, o empoderamento feminino e a transformação pessoal e familiar por meio da educação, aconteceu de maneira efetiva.

"Na minha época, era difícil a mulher dizer assim: 'Ah, eu não vou querer isso'. Não existia isso. A mulher sempre tinha que ouvir o lado masculino, mas eu sempre tive minha opinião." (Maria Gecilene)

"Eduquei minhas filhas dizendo: 'Vocês não vão casar não, só depois de formadas, com casa e emprego, pra homem nenhum jogar na cara que tá sustentando vocês'." (Maria Gecilene)

"A gente não precisa aceitar as imposições da sociedade. Quebrar essas barreiras dá liberdade pros filhos, pras filhas, pra mostrar que elas podem caminhar sozinhas." (Tatiana de Araújo)

"O machismo na minha família formou mulheres mais fortes, mulheres mais independentes, mulheres que vão correr atrás das coisas e que não ficam dependentes de homem, porque sempre eu acredito que homem é fraco." (Bruna de Araújo)

"A gente tem que gritar mesmo, quando tiver que enfrentar, enfrentar, e assim, não é fácil, mas a gente tem que tentar." (Maria Gecilene)

"Melhorou, nem compara, a gente foi reconhecendo as coisas erradas e as coisas certas" (Antônia Felix)

"Para as mulheres, é muito importante essa etapa, porque é só por meio da educação que a gente consegue abrir portas para essa liberdade financeira, para essa liberdade intelectual, para a gente pensar acerca de como a sociedade se estrutura. Eu acho que a educação para

a mulher é um Alicerce libertador."

"Educação para mim é essencial. A educação transforma, eu falava para elas." (Maria Gecilene)

"Eu sempre dei muito valor à educação, e aí fui, fui, meu caminho foi sendo trilhado, sempre pautado na educação, sempre focado no conhecimento." (Bruna de Araújo)

Portanto, com a descrição das entrevistas, é possível compreender como o machismo perpassa as gerações e como ele se manifesta, ao longo dos tempos, de maneira camuflada. Foi a partir da ausência paterna, da sobrecarga feminina, da desvalorização dos sacrifícios, dos problemas psicológicos das mulheres sobrecarregadas e da luta travada cotidianamente, que, na vida dessas mulheres, o machismo se manifestou e permanece vivo em suas memórias. Desse modo, a educação é fundamental para que o empoderamento feminino seja trabalhado e a educação do campo, com o seu método de relacionar a vida cotidiana com a ciência, é essencial nesse processo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou como o machismo estrutural afeta mulheres ao longo de gerações e como essas marcas estão presentes até hoje. Durante as entrevistas e com as memórias apresentadas, ficou claro que, apesar das mudanças com o tempo, muitas situações ainda se repetem, especialmente no que diz respeito à sobrecarga e à falta de reconhecimento. No entanto, também foi possível perceber como a força, a união e a luta dessas mulheres abriram caminhos para as próximas gerações.

A educação do campo foi outro ponto central desta pesquisa. Ela representa muito mais do que ensino, é uma forma de resistência, de valorização da cultura e das vivências do campo. A Licenciatura em Educação do Campo, em especial, me mostrou como o conhecimento pode estar ligado às nossas raízes, ajudando a transformar a realidade sem esquecer quem somos e de onde viemos.

O uso do audiovisual também se mostrou importante. Com ele, conseguimos registrar e eternizar memórias que talvez se perdessem com o tempo. Mais do que uma ferramenta, foi uma forma de dar voz às mulheres da minha família e de valorizar tudo o que elas enfrentaram e conquistaram.

Por fim, este trabalho é uma forma de honrar as mulheres que vieram antes de mim e que me inspiraram a nunca desistir. Espero que, ao compartilhar essas histórias, eu contribua para que outras mulheres também se sintam encorajadas a lutar por seus direitos e por um futuro mais igualitário.

7. REFERÊNCIAS

AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922000000200006>.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. *As raízes da violência na sociedade patriarcal*. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 235-243, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/ccPSPMCqrvzvwGPHrDVMxJn/?format=pdf&lang=pt>

AMARAL, Rosana Carvalho Bastos; LIMA, Deyvison Rodrigues. *Judith Butler sobre o gênero: as performances e os corpos estranhos*. *Kínesis*, Vol. XIV, nº 36, p. 444-463, julho de 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/13600>

ARAÚJO RAMOS, Bruna de. **Entrevista concedida a Cinthia Maria de Araújo Ramos**. 21 out. 2024. Rajadinha, DF. Disponível em: <https://youtu.be/CastU4F2kso?si=3IRRcsnpeXWbtVZm>

ARAÚJO RAMOS, Maria Gecilene. **Entrevista concedida a Cinthia Maria de Araújo Ramos**. 08 nov. 2024. Rajadinha, DF. Disponível em: <https://youtu.be/CastU4F2kso?si=3IRRcsnpeXWbtVZm>

ARAÚJO RAMOS, Tatiana de. **Entrevista concedida a Cinthia Maria de Araújo Ramos**. 08 nov. 2024. Rajadinha, DF. Disponível em: <https://youtu.be/CastU4F2kso?si=3IRRcsnpeXWbtVZm>

ARAÚJO, Antônia Félix. **Entrevista concedida a Cinthia Maria de Araújo Ramos**. 10 out. 2024. Rajadinha, DF. Disponível em:

<https://youtu.be/CastU4F2kso?si=3IRResnpeXWbtVZm>

BASTOS, N. da C. P.; COSTA, M. C. C. Cultura, memória e identidade na produção audiovisual documental: estudo de caso do filme Visionários da quebrada. Disponível em:

<https://bdta.abcd.usp.br/item/003092683>. 2020.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. Unam.Mx. Disponível em:

<https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2003/vol3/no1/5.pdf>

CASTRO, Ana Beatriz Cândido; SANTOS, Jakciane Simões dos; SANTOS, Jássira Simões dos. Gênero, patriarcado, divisão sexual do trabalho e a força de trabalho feminina na sociabilidade capitalista. Disponível em:

https://www.uece.br/eventos/seminarioceetros/anais/trabalhos_completos/425-51197-29062018-084053.pdf

CASTRO, D. T.; JÚNIOR, F. G. R.; NUNES, G. C. Uma invenção e três revoluções: uma breve história do audiovisual. *Humanidades & Inovação*, v. 5, n. 7, p. 212-222, 2018.

Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/811>

CIRELLO, Moira Toledo Dias Guerra. **Educação audiovisual popular no Brasil: panorama, 1990-2009**. 2010. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-19112010-113739/publico/2351228.pdf>

COELHO, P. P. C. O papel da Embrafilme no desenvolvimento do cinema brasileiro. Ufrj.Br.

Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2508/1/PPCoelho.pdf>

COSTA, Grace Campos. **História e audiovisual no Brasil do século XXI: possibilidades para o cinema brasileiro contemporâneo**. *Revista Fênix*, v. 7, n. 1, 2014. Disponível em:

<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/376/357>

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** *Revista História Oral*, v. 7, n. 1, 2003. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62/54>

DENDASCK, Carla. **O que é um memorial acadêmico? O memorial acadêmico é importante?** *Revista Científica*. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/blog/materiais-academicos/memorial-academico#:~:text=ou%20de%20doutorado,-O%20objetivo%20de%20um%20memorial%20acad%C3%AAmico,espec%C3%ADfico%20em%20sua%20carreira%20acad%C3%AAmica>

FERNANDES, Cátia Regina Rosa. **A escola pública como espaço de formação do leitor literário.** 2015. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13142/1/2015_C%C3%A1tiaReginaRosaFernandes.pdf

FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA SOUTO VIDIGAL. **A primeira infância: o que se vive no começo da vida tem impacto a vida toda.** Disponível em: <https://fundacaomariacecilia.org.br/primeira-infancia/>

GONÇALVES, Felipe Canova. *Linguagem audiovisual e documentário.* 2019. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/36800/1/2019_FelipeCanovaGon%C3%A7alves.pdf

MARQUES, F. de P. dos E. dos M. E. da P. M. da E. dos estudantes de. Unb.Br. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/38086/1/2023_FrancielleDePaulaMarques_tcc.pdf

MARTINS, F. J. A escola e a educação do campo. Pimenta Cultural, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43511010/A_escola_e_a_educac%C3%A7%C3%A3o_do_campo

MARTINS, Fernando José. **Educação do campo: processo de ocupação social e escolar.** Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092008000100006&script=sci_arttext

MULLER, Alice Daiara; COTCHELLO, Yasmim; STRELOW, Milene. **Violência contra a mulher, machismo estrutural e a culpabilização da vítima: uma revisão narrativa.**

Disponível em:
<https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/f79c1163-91ac-4255-b449-6bf0dca6e018/content>

NEVES, A. da C. Histórias sobre o ensino de língua autobiográfico: um estudo de caso à luz.

Ufpb.Br. Disponível em:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/23025/1/5%20-%20TCC%20ANIELE%20VERSAO%20FINAL.pdf>

OLIVEIRA, Márcio de; MAIO, Eliane Rose. **“Você tentou fechar as pernas?” – A cultura machista impregnada nas práticas sociais.** Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25199/18031>

OLIVEIRA, Silvaney de; GUIMARÃES, Orliney Maciel; FERREIRA, Jacques de Lima. **As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação.** *Linhas*, v. 21, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/21779/15785>

PAULILO, M. I. S. (n.d.). O TRABALHO DA MULHER NO MEIO RURAL. Usp.Br.

Disponível em:
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/0/tde-20240301-154704/publico/719487.pdf>

PAULINO, R. Sobre. Rosana Paulino. Disponível em:
<https://www.rosanapaulino.com.br/blank-1>

REIS, H.; PASSOS, A. de S. A necessidade de desenvolver um currículo contextualizado.

Com.Br. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA2_ID_6430_01102020195323.pdf

ROSA JÚNIOR, J. Marielle: a mulher à frente da política versus o machismo estrutural/patriarcal no Brasil. V Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Londrina, 2018. Disponível em: <https://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1040/926>

SÁTYRO, Natália Guimarães Duarte; D'ALBUQUERQUE, Raquel Wanderley. *O que é um estudo de caso e quais as suas potencialidades?* Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/download/55631/34815/281196>

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. **Rosana Paulino: “É tão fácil ser feliz?”**. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30878/17966>

VALLE, Paulo Roberto Dalla; FERREIRA, Jacques de Lima. *Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação*. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/7697/14412/15009>

VARGEM ALTA. **Machismo estrutural: conceito e características**. Disponível em: <https://www.vargemalta.es.gov.br/noticia/ler/1611/machismo-estrutural-conceito-e-caracteristicas>

VERNAGLIA, Taís Veronica C. **Pesquisa qualitativa**. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/581071/4/Pesquisa%20Qualitativa.pdf>

ANEXOS



Universidade de Brasília - UnB
 Faculdade UnB Planaltina - FUP
 Graduação em Licenciatura em Educação do Campo
 LEDOC/FUP/UnB

**APÊNDICE - TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E
 DEPOIMENTO ORAL PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS**

Eu Antônia Felix Araújo, portador(a)
 do RG nº 3 026 09 CPF nº 239 815 043-00, participante da Pesquisa
 Audiovisual e memórias: uma jornada através das gerações de mulheres rurais
 desenvolvida pelo/a estudante Cinthia Maria de Araújo Ramos discente da Licenciatura
 em Educação do Campo - LEDOC/FUP/Universidade de Brasília (UnB), Faculdade UnB
 de Planaltina (FuP), Matrícula 202027528, área de Linguagem, literatura e artes, sob
 orientação da profª Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva, permito que obtenha
 fotografias e depoimento oral prestados da minha pessoa para fins de pesquisa do
 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) acima registrado. Informo que tenho
 conhecimento sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos metodológicos.

Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados no TCC
 do/a citado/a estudante, em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos
 científicos. Para atender os fins do TCC em referência, autorizo disponibilizar imagem e
 depoimento oral em mídias digitais. Essa autorização inclui a revelação da identidade
 do/a cedente ou de dados que possam vir a identifica-lo/a.

Fotografias e depoimento oral (no formato original) ficarão sob a propriedade do/a
 estudante Cinthia Maria de Araújo Ramos e sob sua guarda podendo ser utilizado somente
 para os fins acadêmicos registrados acima.

Declaro que este termo será assinado em duas vias, destinadas à guarda do/a
 entrevistado/a e do/a estudante acima mencionado/a.

Brasília, 08 de dezembro de 2024.

Ciente e de acordo com as condições estabelecidas neste termo.

Antônia Felix Araújo
 Assinatura do/a entrevistado/a

[Assinatura]
 ASSINATURA DO ESTUDANTE



Universidade de Brasília – UnB
 Faculdade UnB Planaltina – FUP
 Graduação em Licenciatura em Educação do Campo –
 LEDOC/FUP/UnB

APÊNDICE - TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS

Eu, Maria Gecilene de Araújo Ramos, portador(a) do RG nº 935256 SSP-DF, CPF nº416.386.111-49, participante da Pesquisa Audiovisual e memórias: Uma jornada através da geração de mulheres rurais desenvolvida pelo/a estudante Cíntia Maria de Araújo Ramos discente da Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC/FUP/Universidade de Brasília (UnB), Faculdade UnB de Planaltina (FuP), Matrícula 202027528, área de Linguagens, literatura e artes, sob orientação da profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva, permito que obtenha fotografias e depoimento oral prestados da minha pessoa para fins de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) acima registrado. Informo que tenho conhecimento sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos metodológicos.


Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados no TCC do/a citado/a estudante, em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. Para atender os fins do TCC em referência, autorizo disponibilizar imagem e depoimento oral em mídias digitais. Essa autorização inclui a revelação da identidade do/a cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a.

Fotografias e depoimento oral (no formato original) ficarão sob a propriedade do/a estudante Cíntia Maria De Araújo Ramos e sob sua guarda podendo ser utilizado somente para os fins acadêmicos registrados acima.


Declaro que este termo será assinado em duas vias, destinadas à guarda do/a entrevistado/a e do/a estudante acima mencionado/a.

Brasília, 04 de Dezembro de 2024.

Ciente e de acordo com as condições estabelecidas neste termo.

Documento assinado digitalmente
 **MARIA GECILENE ARAUJO RAMOS**
 Data: 04/12/2024 16:03:21-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do/a entrevistado/a

Documento assinado digitalmente
 **CINTIA MARIA DE ARAUJO RAMOS**
 Data: 04/12/2024 16:24:14-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do/a estudante



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade UnB Planaltina – FUP
Graduação em Licenciatura em Educação do Campo –
LEDOC/FUP/UnB

APÊNDICE - TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS

Eu, Bruna de Araújo Ramos, portador(a) do RG nº 2204307 SSP-DF, CPF nº 951.754.071-04, participante da Pesquisa Audiovisual e memórias: Uma jornada através da geração de mulheres rurais desenvolvida pelo/a estudante Cíntia Maria de Araújo Ramos discente da Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC/FUP/Universidade de Brasília (UnB), Faculdade UnB de Planaltina (FuP), Matrícula 202027528, área de Linguagens, literatura e artes, sob orientação da profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva, permito que obtenha fotografias e depoimento oral prestados da minha pessoa para fins de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) acima registrado. Informo que tenho conhecimento sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos metodológicos.


Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados no TCC do/a citado/a estudante, em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. Para atender os fins do TCC em referência, autorizo disponibilizar imagem e depoimento oral em mídias digitais. Essa autorização inclui a revelação da identidade do/a cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a.

Fotografias e depoimento oral (no formato original) ficarão sob a propriedade do/a estudante Cíntia Maria De Araújo Ramos e sob sua guarda podendo ser utilizado somente para os fins acadêmicos registrados acima.


Declaro que este termo será assinado em duas vias, destinadas à guarda do/a entrevistado/a e do/a estudante acima mencionado/a.

Brasília, 04 de Dezembro de 2024.

Ciente e de acordo com as condições estabelecidas neste termo.

 Documento assinado digitalmente
BRUNA DE ARAUJO RAMOS
 Data: 04/12/2024 16:09:51-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do/a entrevistado/a

 Documento assinado digitalmente
CINTIA MARIA DE ARAUJO RAMOS
 Data: 04/12/2024 16:24:14-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do/a estudante



Universidade de Brasília – UnB
 Faculdade UnB Planaltina – FUP
 Graduação em Licenciatura em Educação do Campo –
 LEDOC/FUP/UnB

**APÊNDICE - TERMO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E
 DEPOIMENTO ORAL PARA FINS CIENTÍFICOS E ACADÊMICOS**

Eu, Tatiana de Araújo Ramos, portador(a) do RG nº 2340516 SSP-DF, CPF nº 00798563141, participante da Pesquisa Audiovisual e memórias: Uma jornada através da geração de mulheres rurais desenvolvida pelo/a estudante Cíntia Maria de Araújo Ramos discente da Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC/FUP/Universidade de Brasília (UnB), Faculdade UnB de Planaltina (FuP), Matrícula 202027528, área de Linguagens, literatura e artes, sob orientação da profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva, permito que obtenha fotografias e depoimento oral prestados da minha pessoa para fins de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) acima registrado. Informo que tenho conhecimento sobre a pesquisa, seus objetivos e procedimentos metodológicos.

Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados no TCC do/a citado/a estudante, em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. Para atender os fins do TCC em referência, autorizo disponibilizar imagem e depoimento oral em mídias digitais. Essa autorização inclui a revelação da identidade do/a cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a.

Fotografias e depoimento oral (no formato original) ficarão sob a propriedade do/a estudante Cíntia Maria De Araújo Ramos e sob sua guarda podendo ser utilizado somente para os fins acadêmicos registrados acima.

Declaro que este termo será assinado em duas vias, destinadas à guarda do/a entrevistado/a e do/a estudante acima mencionado/a.

Brasília, 04 de Dezembro de 2024.

Ciente e de acordo com as condições estabelecidas neste termo.

Documento assinado digitalmente
 gov.br TATIANA DE ARAUJO RAMOS
 Data: 04/12/2024 15:55:51 -0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do/a entrevistado/a

Documento assinado digitalmente
 gov.br CINTIA MARIA DE ARAUJO RAMOS
 Data: 04/12/2024 16:01:23 -0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura do/a estudante

